Colóquio do Grupo de Pesquisa Religiões, Identidade e Diálogos
Edição Comemorativa
Recife, 11 de março de 2019

CONFLUÊNCIA DAS IDEIAS E TERMOS FILOFÓFICOS GREGOS NA LITERATURA BÍBLICA – EM BUSCA DE HARMONIZAÇÃO

Maurício Amazonas*

Resumo

A sucinta proposta deste artigo visa a apresentar, em primeiro lugar, a confluência de termos gregos no Novo Testamento (NT), bem como a ocorrência de algumas ideias gregas já na literatura do Antigo Testamento (AT). Em segundo lugar, trabalhamos algumas possibilidades de harmonização de alguns termos específicos entre Filosofia e Teologia. Mas somente até um determinado ponto, pois, a partir de dado momento, entendemos que Teologia e Filosofia seguem métodos próprios de se afirmarem como ciência. Para essa empresa, vamos trabalhar com a Filosofia da Religião, com a Teologia da Cultura, utilizando o método da correlação, de Paul Tillich. Mas vamos antes fazer uma breve incursão por Werner Jaeger para entender os primórdios da questão.

Palavras-chave: Filosofia da Religião. Teologia da Revelação. Teologia da Cultura.

INTRODUÇÃO

No campo da literatura comparada, não é de hoje que são identificados os pontos comuns entre a filosofia grega e a Revelação Judaico/Cristã. Esta influência vai-se notar de maneira mais acentuada com os chamados Pais da Igreja, no período em que a mensagem dos seguidores de Jesus de Nazaré já era bem difundida nos mais distintos rincões do Império romano. Foi a partir daí que os filósofos buscaram compreender as ideias e melhor conhecer a mensagem propagada pela Igreja e seus apologistas. O autor que nos vai ajudar no percurso primitivo deste caminho é o historiador e filólogo alemão, Werner Jaeger (1888-1961). Nas trilhas da caminhada contemporânea, por sua vez, seremos conduzidos pela mão do teólogo alemão, radicado nos EUA, bastante influenciado pela filosofia

* Mestre em Ciências da Religião pela UNICAP (2018). Possui Bacharelado em Teologia (STCR, 1989), Bacharelado Ciências Sociais (UFRPE, 2005). Leciona Teologia do Novo Testamento, Filosofia, Ética, História do Pensamento Cristão, em faculdades e seminários da RMR. É presidente do IRC - Instituto Robinson Cavalcanti. Possui livros e artigos publicados em revistas indexadas.

existencialista, Paul Tillich (1886-1965). É através do seu método da correlação que buscaremos a harmonização, reconhecendo, desde já, que muitos são os seus limites.

Werner Jaeger, no livro *Cristianismo Primitivo e Paideia Grega*, reconhece que, embora o Cristianismo tenha sido resultado "da vida religiosa do judaísmo posterior [...], [...] entre os fatores que determinaram a forma final da tradição cristã, a civilização grega exerceu uma profunda influência sobre a mentalidade cristã" (JAEGER, 2014, p.10-11). Sabedores que somos da influência grega sobre o pensamento ocidental em torno do primeiro século e da sua importância para formação e propagação do Novo Testamento - importância esta que vem desde a Septuaginta, no século III a.C. -, Jaeger diz que, sem a "evolução pós-clássica da cultura grega, o surgimento de uma religião cristã mundial teria sido impossível". E diz mais ainda: "Os escritores cristãos do período apostólico usaram as formas literárias epistolares gregas, segundo o modelo dos filósofos gregos" (JAEGER, 2014, p.12 e 16). Em seguida, para exemplificar, Jaeger cita apologistas da era pós-apostólica. Dentre eles: Clemente de Roma (sec. I), Clemente de Alexandria (c.150-c. 215), Justino Mártir (? -163/167), Orígenes (c.185-c. 254), bem como seus leitores e admiradores, os padres da Capadócia: Basílio de Cesareia (c.330-379), Gregório Nazianzeno (c.330-c. 390) e Gregório de Nissa (c.335/340-c. 395). A partir destes referenciais, o autor vai construir a tese de que o Cristianismo, segundo esses padres da Igreja, era a "única e verdadeira Paideia de Deus para o mundo", bem como apresentar "Cristo como o novo pedagogo da humanidade" (JAEGER, 2014, p.89). Neste trabalho, não vamos aprofundar esta tese, mas vamos usar o método de Jaeger, que põe o Cristianismo em diálogo com a tradição filosófica da Grécia.

Quanto a Paul Tillich e o método da correlação em *Teologia da Cultura*, (FAZER).

QUANTO À BÍBLIA

Por ser facilmente deturpado o pensamento teológico de quem escreve sob a inspiração do método filosófico, quero salvaguardar-me para não cair nas graças e simpatias de quem anda à procura de hereges para enviá-los à moderna "inquisição sem fogueira", como disse o saudoso Rev. João Dias de Araújo (2010 26-38). São necessárias duas explicações de como compreendo a Bíblia Sagrada:

a) **Inspiração** – Compreendo a inspiração tal qual São Lucas a apresenta na sua obra de dois volumes: Lucas 1,1-3 e Atos 1,1. Todas as narrativas (tradição oral ou escrita) nos textos bíblicos são o resultado dos esforços de pessoas que registraram o que elas compreendiam serem manifestações do Sagrado. São captações orientadas pela cultura, pela situação política, econômica e social da época em que esses registros foram feitos. Não há dúvida de que a condição vivida pela pessoa e pelo povo influenciava na qualidade e na ideia do texto. A escritura é sagrada porque trata do que seja julga ser sagrado. Neste sentido, o humano cria o sagrado para distingui-lo do profano (ELIADE, 1979, 25-26). A inspiração, portanto, é a motivação que impulsiona uma pessoa em direção ao estudo e compreensão do que é sagrado e tudo o que com ele se relaciona.

b) **Finalidade** – A Bíblia não é um compêndio de história universal e nem um tratado de filosofia geral. Seu objetivo, dentre muitos, é o de responder às questões mais antigas da humanidade, tais como: O que é o mundo? Como ele surgiu? Quem o fez? O que é a vida? O que é o gênero humano? Como nos originamos? Por que perecemos? etc. A escritura do Gênesis reúne as respostas mais comuns da tradição mítica da cultura fenício-babilônica. A Fenícia fornece esses elementos aos hebreus que os recebe e filtra segundo a sua ótica e sua crítica monoteísta. Parte-se do *Elohim* (deuses, no plural) para se chegar ao *Yahweh* (aquele que é, que está sendo, infinitamente),

por exemplo. Já a cultura grega, por sua vez, vai influenciar na forma e conteúdo do Novo Testamento (NT), no primeiro século da Era Cristã, quando fornece perguntas e questões de como deveriam viver sob a nova fé as pessoas que antes pertenciam ao paganismo. Os escritores neotestamentários tratam de responder tais questões. A Bíblia não é alheia à cultura do seu entrono, mas reflete, critica e depura ideias de um tempo determinado, quer no Antigo, quer no NT.

QUANTO AO COSMOS

A Filosofia Ocidental (grega) explica a *physis* (Natureza) e sua formação a partir de quatro elementos fundamentais: fogo, água, terra e ar. O Gênesis entende a Criação assim:

a) A terra foi tirada da água (Gn 1,9; 2Pe 3,5).

b) Plantas e animais cresceram da terra (Gn 1,11 e 12; 24 e 25).

c) O homem (*sic*) foi composto do pó da terra (Gn 2,7; 3,19).

Ora, no processo de formação do homem (*sic*), para a modelagem do barro (*terra*), foi preciso haver *água*. Para a secagem, fora necessário o *fogo*. E o homem (*sic*) foi feito "*alma vivente*" porque recebeu o sopro (*ar*) do seu Criador. Portanto, estão presentes os quatro elementos fundamentais (salvaguardadas suas diferenças conceituais) na formação da criatura humana.

Agora vejamos alguns termos da filosofia, também usados nos textos sagrados, para interpretar a criação:

a) **Fogo** – Se, para Heráclito, Deus é um fogo insaciável, "periódico e eterno", que tudo cria, dissipa, transforma e regenera pelas chamas e pelas cinzas, para o autor da epístola aos Hebreus, "o nosso Deus é um fogo consumidor" (Hb 12,29). Moisés também compreendia a Deus como um "fogo consumidor" (Dt 4,24), mas também "fogo vivificador" (Êx 3,2 e 3). Se o homem (*sic*) é feito do pó, ao pó ele há de tornar pelo efeito do fogo

transformador (Gn 3,19). Por sua vez, "Heráclito diz que o fogo periódico é eterno (é Deus)" (Aet. I, 7,22. Apud BORNHEIM,1989, 35,43-45).

b) **Harmonia** – Para Pitágoras e Heráclito, o mundo subsiste pela perfeita harmonia dos contrários, ou talvez, diriam, "o cosmos como sendo uma grande sinfonia". Para os poemas dos salmos bíblicos, Deus é o regente desta partitura que ele mesmo compôs. (Embora nós saibamos que a sinfônica, como a conhecemos hoje, date do período moderno). Heráclito afirmava 1. "A unidade fundamental de todas as coisas, 2. Todas as coisas estão em movimento, 3. O movimento se processa através dos contrários" (BORNHEIM, 1989, 35).

c) **Vento** – Se para Anaxímenes, o primeiro princípio é o ar, ou a *physis aérea*, (BORNHEIM,1989, 28), para Jesus de Nazaré, "Deus é espírito" (Jo 4,24). No grego koinê, a língua do Novo Testamento, "espírito" e "vento" são a mesma coisa: *pneuma* (Jo 3,8). Diógenes de Apolônia dizia que "o ar é o princípio ilimitado de todas as coisas" (Aet. I, 3, 26. Apud: BORNHEIM, 1989, 100). "[...] Aquilo que os homens chamam de ar [...] [...] eu tomo por Deus, que atinge tudo, dispõe de tudo e está em tudo. E nada há que dele não participe" (Frag. 5. Apud: BORNHEIM, 1989, 102). Não seria essa a mesma ideia presente no Salmo 104, 29-30? Vejamos o texto: "Se lhes cortas a respiração, morrem, e voltam ao pó. Envias o teu Espírito, eles são criados, e assim renovas a face da terra"!

d) **Nome** – Para a Filosofia, o nome de Deus (se houvesse) seria simplesmente O Ser: "aquilo que é". Para a narrativa do Gênesis, Deus é *Yahweh,* que significa "Aquele que É" (Êx 3,14). *Yahweh* não pode ser pronunciado "em vão" (Êx 20,7). No NT, o equivalente a isso é a expressão grega *Ἐγώ ειμι* (Eu Sou). Jesus usa-o com relação a si mesmo, várias vezes: João 6,35; 9.5; 10,9 e 11; 11,25; 14,6; 15.1.

e) **Guerra** – Heráclito diz que tudo surge a partir da guerra dos contrários, da beligerância dos opostos: "O movimento se processa através dos contrários" (BORNHEIM, 1989, 35). Ele fala do amor e do ódio, da ordem e da discórdia. Do Caos é que surge o Cosmos. O Gênesis diz que havia o caos (sem forma e vazio, a treva e o abismo, Gn 1,2). Fala-se ainda dos pares-opostos já ordenados: dia/noite, manhã/tarde, luz/trevas, água/terra, céu/mar (Gn 1 e 2). Na Bíblia, a criação se dá e se mantém pela força dos contrários. No livro do Gênesis, não se discutia o problema do Mal. Isto só vai acontecer com o Poema de Jó. Antes disso, todo bem e mal provinham de *Yahweh*, na concepção dos hebreus (1Sm 16,14-23; 19,9). O ser firmava-se pelo seu contrário: a luz não é trevas, por exemplo. O Evangelho de São João é farto de pares opostos, a saber: vida/morte; dia/noite; luz/trevas; condenação/salvação; este mundo/vida eterna; amor/rejeição...

QUANTO AO TEMPO E AO ESPAÇO

Em filosofia, há o debate sobre as categorias *tempo* e *espaço*. O Ser não está circunscrito nem ao tempo nem ao espaço. É autoexistente, autossuficiente, atemporal e eterno. Parmênides diz que o Ser é imutável, imóvel, indivisível, indissolúvel, esferoide e limitado. "Por que o ser deve ter um limite; com efeito, nada lhe falta. Fosse sem limite, faltar-lhe-ia tudo" (BORNHEIM, 1989, 56). No Gênesis, o tempo não é algo coexistente e coeterno com Deus. O tempo é criado por Deus a quem o Gênesis atribui toda a criação. Seria o tempo o primeiro ato da criação? Às vezes, ele nem é percebido: "No princípio criou Deus o céu e a terra" (Gn 1,1). Santo Agostinho chegou a pensar sobre isso e disse: "Tempo também Tu criaste". No entanto, Deus habita fora do tempo, pois adentrar ao tempo seria admitir as limitações da existência que se medem pelo tempo.

Quanto à contagem da criação de sete dias, poder-se-ia pensar em sete tempos ou sete eras (geológicas?). É bom lembrar a advertência do Apóstolo Pedro "um dia é como mil anos e mil anos são como um dia, para o Senhor" (2Pe 5,8). Com isso já concordava também Moisés num salmo que lhe é atribuído: "Pois mil anos, aos teus olhos, são como o dia de ontem que passou" (Sl 90,4). Quanto à questão dos sete dias da criação, sete é um número cabalístico para o judeu e denota perfeição infinita e inacabada. Então, podemos afirmar que o Cosmos e a humanidade estão num constante caminhar rumo à perfeição. Este princípio da mudança permanente concordaria com a ideia do *devir* ou o constante *vir a ser* de Heráclito: "O fogo vive a morte da terra e o ar vive a morte do fogo; a água vive a morte do ar e a terra a da água" [...] "O frio torna-se quente, o quente frio, o úmido seco e o seco úmido" (Fragmentos 76 e 126. Apud: BORNHEIM, 1989, 40 e 43).

QUANTO AO MÉTODO

1. Jesus de Nazaré

Nos filósofos clássicos, estudamos os seus métodos de abordagem e discussão:

a) **A Maiêutica,** de Sócrates;

b) **A Dialógica**, de Platão;

c) **A Peripatética,** de Aristóteles.

Será que em Jesus, o Mestre de Nazaré, não encontramos a utilização de todos estes métodos no *Sermão da Montanha* (Mt 5 e 6). O início do capítulo 5 diz que Jesus convidou seus discípulos para se sentarem sobre uma montanha e ali Ele os ensinava. Nessa narrativa, temos o exemplo de todos os métodos criados pelos gregos, cerca de cinco séculos antes. O fato de ensinar caminhando, parando, interrogando e exemplificando com demonstração visual, denuncia a utilização desses métodos. No Evangelho

de São Lucas 10,25-37, na parábola do Samaritano, Jesus se utiliza do modelo dialógico para que o próprio inquiridor encontre a resposta que procura. Isso seria maiêutica ou dialética?

Vejamos o Evangelho de São João, 7,53 – 8 1-11. A passagem conta que os doutores da lei quiseram colocar Jesus em xeque-mate. Trouxeram-lhe uma mulher apanhada em flagrante de adultério. A lei de Moisés mandava que fossem apedrejados (homem e mulher) que tal delito cometesse (Lv 20,10). Jesus estava diante da lei de Talião do *Código de Hamurabi* e contra o seu ensinamento sobre o amor ao próximo e ao inimigo. A solução do problema é um apelo à Ética que julga a moral: "Aquele que dentre vós estiver sem pecado, seja o primeiro que lhe atire a pedra" (v.7). Ao final da história, estão ele e a mulher, sozinhos. Os acusadores saíram um a um, a começar pelos mais velhos, ou seja, os mais honoráveis e respeitáveis homens da lei.

2. Paulo de Tarso

Mais uma demonstração de como os escritores do NT dialogam com a Filosofia grega são duas citações que o Apóstolo Paulo faz de um poema antigo, dedicado a Zeus:

> Fizeram um túmulo para ti, ó santo e altíssimo – os cretenses, sempre mentirosos, feras terríveis, ventres preguiçosos! Tu, porém, não morreste; estás ressuscitado e vivo para sempre, pois em ti vivemos, e nos movemos, e existimos" (MARSHALL, 1980, 272).

A autoria deste poema foi primeiramente atribuída a um escritor siríaco chamado Isho'dad (século IX a.C.). Clemente de Alexandria o atribuía a Epimênedes de Creta (século VI a.C.). A fonte de Clemente de Alexandria parece ter sido a mesma usada pelo Apóstolo Paulo. A citação se desdobra em dois textos dentro do NT. A primeira no livro de Atos dos Apóstolos, 17,27: "Por que nele vivemos, e nos movemos, e existimos; como também alguns dos vossos poetas disserem: Pois somos também sua

geração". A segunda, na Epístola de São Paulo a Tito 1,12: "Um deles, seu próprio profeta, disse: 'Os cretenses são sempre mentirosos, bestas ruins, ventre preguiçosos'".

Percebe-se como o Apóstolo aplica o mesmo texto em contextos diferentes, visando a obter resultados também diferentes. Mas nota-se, sobretudo, como o Apóstolo faz questão de citar a fonte dos ditos, mesmo que não seja explícito, para declarar o nome do autor. Em Atos ele diz: "um dos vossos poetas". Em Tito, "um deles, seu próprio profeta". Isso é bastante para São Paulo assumir que a frase não é sua. Também se entende que ele faz uso do dito filosófico para comunicar a mensagem do Evangelho. Numa perspectiva moderna, dir-se-ia que o Apóstolo pôs a teologia em diálogo com a filosofia.

3. Apóstolo João

Para finalizar, compare-se o estilo poético do texto que serve de prólogo ao Evangelho de São João (Jo 1,1-5; 9-14) com os Fragmentos de Heráclito de Éfeso: "O *Logos* é compreendido como a inteligência divina que governa o real" (BORNHEIM, 1989, 35-36). No Evangelho, o apóstolo João apresenta Jesus ao mundo grego: "No princípio era o Logos" (Jo 1,1). Os gregos sabiam que o *Logos* é coexistente e coeterno com o Ser. Foi o *Logos* que criou o Cosmos. "Tudo foi criado por Ele, e sem Ele, nada do que foi feito se fez". (Jo 1,3). O *Logos* é a alma do mundo, é a causa que não foi causada, o princípio que a tudo principiou, mas por ninguém foi principiado.

Platão o chamou de *Demiurgo* para não atribuir ao Ser a tarefa da criação. O Demiurgo estaria entre o Ser e a criação cósmica. O Apóstolo Paulo, ao que tudo indica, utiliza a ideia, mas não o termo de Platão com relação ao Demiurgo quando escreve a sua primeira carta a Timóteo e relata: "Há um só mediador entre Deus (O Ser) e os homens (os seres), a saber, Jesus Cristo homem" (1Tm 2,5).

O Apóstolo João diz que o *Logos* se fez carne e habita no meio do povo, Emanuel = Deus conosco. Aqui estamos diante da Plenitude da Revelação, a Encarnação do *Logos*. Com isso, literatura filosófica e bíblica se dividem e cada uma segue seu ramo e seu método específicos. A partir deste ponto, é outra história. Surge a necessidade de outro debate. Toda tentativa de harmonização termina aqui.

Referências

AGOSTINHO, Santo. **As confissões**. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. 10. ed. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1981.

AMAZONAS, Maurício. **Literatura e Filosofia no Novo Testamento**. Recife: Mimeo, 2009.

AMAZONAS, Maurício. **Paul Tillich e a Teologia da Cultura**. Recife: Mimeo, 2009.

AMAZONAS, Maurício. **O Desenvolvimento da Teologia da Cultura**. Recife: Mimeo, 2009.

ARAÚJO, João Dias. **Inquisição sem Fogueiras**. 3. ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

BORNHEIM, Gerd. **Os Filósofos pré-Socráticos**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1989.

CALVANI, Carlos Eduardo Brandão. **Teologia e MPB**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

DODD, Charles Harold. **A interpretação do Quarto Evangelho**. Tradução de José Raimundo Vidigal. São Paulo: Editora Teológica, 2004.

ELIADE, Mircea, **O Sagrado e o Profano**. Tradução de Rogério Fernandes. Edição Livros do Brasil Lisboa, 1979.

GABEL, John & WHEELER, Charles. **A Bíblia como literatura**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral & Maria Stela Gonçalves. Com anexos de Johan Konings. São Paulo: Loyola, 1993.

JAEGER, Werner. **Cristianismo Primitivo e Paideia Grega**. Tradução de Daniel Costa. Santo André: Academia Cristã, 2014.

JAEGER, Werner. **La Teología de los primeros filósofos griegos**. Traducción de José Gaos. México: Fondo de Cultura Económica, 1952.

MARSHALL, Howard. **Atos – introdução e comentário**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova/Mundo Cristão, 1980.

MONDIN, Battista. **Curso de Filosofia**: os filósofos do Ocidente. vol. I. Tradução de Benôni Lemos. 12. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

REHFELD, Walter I. **Tempo e Religião**: a experiência do homem bíblico. São Paulo: Perspectiva/ Editora da USP, 1988.

SCHOLZ, Vilson. **Novo Testamento Interlinear Grego – Português**. Barueri: 2004.

TILLICH, Paul. **Teologia da Cultura**. Tradução de Jaci Maraschin. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.